

INTRODUÇÃO

A *filosofia da tecnologia* é um domínio epistémico assaz recente. Se dela, hoje, advêm importantes contribuições para a inquirição das dinâmicas socioculturais do universo humano, foi porque, em grande parte, a pressão do desenvolvimento tecnológico conduziu a *theoria* a enlaçar o que, na vasta esfera da *praxis*, já há muito se tinha constituído como realidade. Poder-se-á, num primeiro momento, aceitar a observação de Bernard Stiegler sobre a relação paradoxal entre tecnologia e filosofia, nomeadamente quando o autor, no primeiro volume de *La technique et le temps*, assevera que o labor filosófico “*reprimiu* a técnica como objeto de pensamento”, a ponto de ela ser votada ao domínio do “impensado”. Contudo, o suposto facto de a filosofia vedar os caminhos de constituição da tecnologia como objeto teórico, tal não significa, cabalmente, que a filosofia seja desprovida de visões do mundo, dos seres e dos fenómenos sociais e culturais intimamente ancoradas no universo tecnológico. Dito de outra forma, o *impensado*, de que nos fala Stiegler, poderá ser interpretado como sintoma de a própria filosofia se inteirar do desiderato de pensar a tecnicidade da técnica. Não é por acaso que esta conscientização se veio a tornar manifesta numa época em que o desenvolvimento das tecnologias foi tão veloz que pareceu desvincular-se das capacidades representativas, reflexivas, imaginativas e emocionais do ser humano.

A ainda jovem vida da filosofia da tecnologia contrasta, pois, com a crescente invenção e proliferação de artefactos e ambientes tecnológicos que, após a primeira guerra mundial, têm marcado a condição humana. A extensão do poder de inscrição da tecnologia na sociedade é, por isso mesmo, de difícil avaliação, jamais se moldando pelos tradicionais critérios de delimitação entre o mundo cultural e o mundo natural. À manipulação e transformação empíricas da realidade, ‘a máquina’ incute, ao mesmo tempo, um novo suplemento de realidade aos modos como a concebemos, vivenciamos e projetamos. Daí que não admire que o foco das reflexões filosóficas tenha caído, não raras vezes, sobre o aspeto da relação,

função e mediação como verdadeiras causas do sentido da técnica, ou seja, que é aí onde devemos procurar a resposta pela tecnicidade da técnica. Mediação, no entanto, não se restringe à relação entre ser humano e objeto técnico. O perfil das relações tecnológicas também redundava, por sua vez, das que são traçadas pelas conexões funcionais entre os próprios artefactos. Cada vez mais, os artefactos prefiguram formas de ação que implicam a configuração dos agentes e da realidade segundo modalidades de acoplamento tecnológicas, desdobrando a mediação em múltiplos processos remissivos e interdependentes.

Como os representados nos capítulos deste volume, foram vários os teóricos que, no século vinte, contribuíram para a edificação das temáticas, das abordagens e dos conceitos da filosofia da tecnologia enquanto novo campo disciplinar filosófico. O projeto e o programa mantêm-se abertos. Desde logo porque ainda escasseia um amplo escrutínio das relações tecnológicas que permeiam a cultura, as instituições sociais e o conhecimento. O foco reflexivo tem privilegiado o espectro dos efeitos tecnológicos – como os que ao impacto ambiental dizem respeito – e, emoldurado por princípios éticos consequencialistas, intenta lançar luz sobre a premente necessidade de moralizar o uso, assim como o âmbito do uso, que fazemos dos artefactos. A própria ética tem, sobremaneira, acusado a pressão dessa necessidade. Hodiernamente, as novas ramificações axiológicas disciplinares – como as da bioética, nanoética, ética da informação, ética digital – têm fomentado uma verdadeira especialização dos objetos do pensamento ético, com repercussões evidentes na esfera política. Para a atividade reflexiva, porém, os efeitos tecnológicos sugerem mais do que revelam. O impulso axiológico especulativo não nos deve levar à redução integral da filosofia da tecnologia a um dos segmentos da filosofia moral. Pelo contrário, a formação de uma *consciência de mediação tecnológica* exige um estudo abrangente das condições, possibilidades e limites do poder de inscrição da tecnologia na vida social dos indivíduos, bem como na imagem que da realidade e de si fazem.

Tornar os efeitos tecnológicos visíveis e escrutináveis é, sem sombra de dúvida, uma das tarefas que se impõem à filosofia. Esta, contudo, nunca se circunscrevendo ao diagnóstico e à terapia intelectuais e indo para lá dos desideratos, quase sempre utópicos, da engenharia, deve colocar a questão do sentido do universo tecnológico, em estreita articulação

com o das outras formas de mediação culturais. Com o uso massificado dos dispositivos tecnológicos, o fenómeno da quantificação, por exemplo, adquiriu uma preponderância simbólica universal. A conversão e articulação quantitativas da informação, servindo à aplicação e generalização de múltiplos procedimentos sociais, têm como primeiro corolário a ocultação das diferenças culturais introduzidas pelos processos de mediação. Exibindo um maior poder de comparação e transmissão a uma escala global, a redução quantitativa determina, para efeitos de informação, o uso, a natureza e o valor dos próprios *media*.

Nesse sentido, o primado da quantificação não só contribui para a convergência digital, como dilata, exponencialmente, os domínios de aplicabilidade dos dispositivos. A excessiva exposição ao ecrã comporta mudanças, rápidas e incomensuráveis, na forma como os seres se experienciam e interiorizam, desde logo, por causa do primado sensorial do visual na imagem que de si fazem. Com a exposição digital e a pressão comunicativa, o lugar do papel estruturante da percepção nas relações sociais tende a ficar confinado à esfera da transmissão de informação. Apesar de os sentimentos referentes à distância serem incapazes de *substituir* os que são estimulados pela proximidade, com o incremento das tecnologias de telecomunicação, o tecnomito da substituição – a crença de que, independentemente da sua natureza sensível, todos os eventos podem ser mediados tecnologicamente – reforçou o seu poder de inscrição no imaginário social. Entre o extremo sentimento de controlo despertado pelos novos dispositivos e o sentimento de descontrolo originado pelos fenómenos emergentes (como, por exemplo, o aquecimento global, as pandemias e os conflitos bélicos), situa-se, porém, um “espaço de incertezas” que, subtilmente, nos tolhe a visão unificada da realidade.

Tal espaço existencial, longe de constituir um *fatum*, deve, antes, ser preenchido pela dúvida filosófica.

Atendendo às múltiplas dimensões da mediação tecnológica, são apresentados, neste volume, alguns dos principais teóricos do século vinte que, embora não descurando as implicações éticas, submeteram a tecnologia a uma ampla inquirição filosófica – diversificada nos seus objetos temáticos, mas unificada pelos pontos de convergência concetuais. Para facilitar a compreensão das diferentes abordagens e dos conceitos propostos pelos autores analisados, o volume foi dividido em duas partes temáticas.

A primeira parte – intitulada *Da tecnicidade da tecnologia: mediação e sentido* – visa trazer à reflexão possibilidades de definição do universo tecnológico, em plena consonância com o estatuto conferido à natureza das invenções, ao uso dos artefactos, às esferas do uso, às representações do imaginário tecnológico e à repercussão deste nos modos de sentir e pensar o mundo. Como, hoje em dia, a pronunciada era da informação tende a circunscrever as possibilidades de sentido ao poder de disseminação dos *media* – ocultando a necessidade de unificação reflexiva e rendendo-se ao ritmo cada vez mais frenético do aparecimento de novos tipos de fenómenos –, cabe, pois, à atividade filosófica, pelo reforço do estatuto do conceito, tecer vínculos essenciais entre o labor teórico e a expressão sociocultural da tecnologia. Na lista dos autores figura, também, Ernst Kapp. Apesar de Kapp ter publicado as suas principais reflexões sobre a tecnologia nas últimas décadas do século dezanove, a sua inclusão neste volume é, em muito, justificada pela incomensurável influência que as *Grundlinien einer Philosophie der Technik* exerceram na pretensão e conceção de uma filosofia da tecnologia.

Se, na primeira parte do volume, são evidenciados os elementos estruturantes da tecnicidade da tecnologia, na segunda parte – intitulada *Da alteridade da tecnologia: comunicação e interação* –, é acentuada a questão de saber como a sociabilidade é afeada, moldada e impactada pela e na própria tecnicidade. Na sociedade contemporânea, o crescente primado da comunicação, aliado à generalização das emoções básicas, tolhe uma parte significativa das condições de sociabilidade. A pressão comunicativa agiganta-se ante as outras formas de interação social, diminuindo ou dissolvendo o necessário tempo de realização e consolidação dos laços empáticos nas relações. Paralelamente, o uso de dispositivos de auto-rastreamento – como os das aplicações digitais –, adensa os processos e efeitos da comunicação, sobretudo porque vem estimular a troca e a comparação de informações de carácter privado. O sentimento de controlo, induzido pela hipermediação, contribui, de certa forma, para que os processos de geração de confiança se desloquem da esfera das interações sociais presenciais para a das mediadas tecnologicamente. Logo, três temáticas são, aqui, devidas: a primeira diz respeito ao modo como a tecnologia incrementa as possibilidades de comunicação; a segunda, por sua vez, concerne às formas que essa comunicação assume; e a terceira, articulando as precedentes, versa

sobre as implicações da tecnicidade da comunicação no âmago dos processos intersubjetivos.

Por último, mas não de menor relevância, os editores manifestam a devida gratidão a todos os autores envolvidos na redação dos capítulos do volume, sobretudo pela forma como abraçaram o desafio de estreitar os laços da lusofonia em prol da cooperação e disseminação científicas. Ao Instituto de Estudos Filosóficos da Universidade de Coimbra, na pessoa do seu coordenador, Professor Doutor Mário Santiago de Carvalho, é, igualmente, reconhecido o papel preponderante na publicação deste volume.

Coimbra, maio de 2022, Joaquim Braga

Braga, maio de 2022, Bernhard Sylla